

## Sucesso: a troca de quê?

Tem sido cada vez mais comum encontrarmos pessoas que expressam sentir sobre si uma enorme carga de ansiedade que, em geral, vem associada a um cansaço multiforme, gerando um estresse paralisante. Toda esta sintomatologia tem nas relações com o trabalho a sua causa mais eminente. Isto porque, em diversos fatores relacionados ao trabalho, nos deparamos com uma gama variada de desafios e obrigações que passam a nortear nossas escolhas, nosso tempo, a vida como um todo.

As expectativas e objetivos que somos levados a assumir nos compelem a dar o melhor de nosso tempo, o máximo das nossas habilidades e o último grau possível de nossa dedicação, o que nos torna sujeitos expostos a viver no estrito limite maior de nossas forças e energias. Tudo isto para que nos despontemos e nos destaquemos como os melhores, os mais elogiáveis, os mais bem-sucedidos e sejamos catalogados como pessoas de sucesso. Mas, a troca de quê? Por que alguns se deixam cair no logro desse domínio? Talvez por acreditarem que só assim suas vidas receberão uma valoração mais condigna e a promoção no trabalho seria o único caminho para se alcançar o *status vivendi* desejado. Talvez acreditem, e talvez seja até verdade para alguns, que só assim se manterão em suas funções no trabalho. Talvez só assim se sentirão reconhecidos socialmente. Talvez nem pensem o porquê desse labutar frenético. Neste último caso, temos pessoas que possuem uma subjetividade que naturaliza essa vivência subjugada e opressiva, o que é trágico, pois, acredito, a vida pode e deve ser muito mais livre e saudável.

Ronaldo Lidório resumiu bem os movimentos que têm direcionado a vida de muita gente em nossa sociedade. Disse ele que temos sido uma sociedade hedonista, onde a busca do prazer se torna a meta principal para as escolhas de vida; uma sociedade narcisista, onde a motivação principal tem sido se colocar em evidência, em destaque; e uma sociedade triunfalista, onde o que importa são os resultados e os méritos são julgados a partir da quantificação: quanto se vai ganhar? Quantos irão se associar?

Esta tragicidade aumenta quando percebemos discursos dentro do meio evangélico que reforçam estas idéias e atitudes estressoras. O meio evangélico tem importado uma série de estratégias próprias do meio empresarial. Mais do que isto, tem se apropriado de valores que, no meu entender, têm solapado os imutáveis valores da fé cristã. Quero me ater a apenas um destes: o sucesso. Sim, estamos todos sendo constringidos a buscar, de modo insano, uma vida de sucesso. Com este termo, sucesso, o que pretendo é expressar uma idéia que resume em si aqueles movimentos perversamente naturalizados em nossa sociedade, citados por Lidório, que nos tornam cristãos narcisistas, hedonistas e triunfalistas. Frases como: "você tem que impactar a sua geração", "seja uma pessoa influente onde estiver", "o cristão deve ser o melhor em tudo o que faz", "seja um empreendedor de sucesso", "você pode voar mais alto", "os 'não-sei-quantos-passos' para uma vida bem-sucedida" nos empurram para uma busca desviada por sucesso, seja na vida pessoal, seja na profissional ou ministerial. Sem falar ainda na vasta e chatíssima literatura de auto-ajuda - que, na verdade, deveria ser chamada de autopromoção - que tem invadido as prateleiras de livrarias e bancas. Quem já não foi assistir a um destes consultores que prometem alavancar qualquer empresa, qualquer negócio, incluindo aqui até as igrejas? Só em pensar nesses discursos me dá angústia. Confesso que os vejo como pessoas robotizadas por um sistema onde o que importa é a mais-valia, o lucro, o se dar bem acima de tudo.

Ditas estas coisas, gostaria, neste simples texto, de sugerir algo que está na contramão disso tudo. Não, não vou defender o fracasso. Isto seria uma idiotice da minha parte. Mas quero pensar em outras instâncias de vida, outras possibilidades que não se relacionam nem com sucesso nem com fracasso, pois a vida não está restrita a estas duas categorias. Quero convidá-lo a se despreocupar com estas coisas. Mais que isto, quero convidá-lo a se desprender destas coisas. Pode lhe parecer estranho, mas indo de encontro a uma vasta literatura que se tem espalhado em nosso meio, quero dizer que você pode desistir de seus sonhos, sim, ou talvez até deva fazer isto com urgência. Deixe-me explicar: se o seu sonho está ligado a esse objetivo de fazê-lo ser uma pessoa de sucesso, de torná-lo uma pessoa reconhecida, peço que pense um pouco no preço caro que você pode estar pagando por isto. O que você tem feito de seu tempo? Qual o tempo que você tem para passear, para o lazer,

para não fazer nada, para o ócio, para jogar bola com os filhos, rir à toa com o seu cônjuge, jogar conversa fora com amigos, ir à praia, tomar uma água de coco, assistir um filme em casa, chupar uma manga. Aliás, qual foi a última vez que você chupou uma manga ou se deliciou comendo sua fruta preferida? Não, você está correndo atrás do sucesso e por conta disto tem que ser adepto do *fast food* e terá 10, 15 ou, com mais sorte, 30 minutos para comer e, rapidinho, recomeçar a luta. Afinal, "você tem que ser obstinado, persistente e não pode perder tempo, pois tempo é dinheiro" (já ouviu isto, não é?).

Devo confessar: já experimentei isto em minha própria pele. Também "corri atrás" de meus alvos de um modo impensado. Lembro-me de uma vez que, atendendo um casal que estava nesse frenesi, aconselhei-os a separarem um tempo sacralizado para seu lazer. Foi o último atendimento daquele dia e, como estava sem carro, pedi-lhes uma carona. Pedi-lhes que me deixassem em certo lugar e eles me disseram como era bom poder ir para casa àquela hora. Ao que lhes disse: "que ir pra casa que nada, rapaz. Ainda tenho uma reunião que só Deus sabe a que horas irá terminar". Já saindo do carro, ele me disse uma frase que ecoa singularmente em minha mente até os dias de hoje: "É..., casa de ferreiro, espeto de pau". Despedi-me morrendo de raiva, mas fui "tamanhamente" impactado ao ponto de tornar-me disposto a não mais abrir mão do tempo de lazer familiar e conjugal, do tempo para um ócio salutar e revigorante.

Volta e meia precisamos rever quais escolhas temos feito para viver cada momento de nossas vidas, se é que temos sido nós mesmos os que decidem sobre nossas vidas, se é que não temos deixado que outros escolham por nós. Quem sabe, precisamos desistir, sim, dos sonhos de então, para viver outros muito mais saudáveis, muito mais simples, nada estressantes, nada relacionados a sucesso e sem possibilidades de fracasso, sendo apenas uma opção por uma vida que não aspira a grandes conquistas materiais, não almeja reconhecimento de ninguém, não luta por nenhum status social, não se estressa para engordar a conta, não se neurotiza para ser uma vida de sucesso, não se angustia para alcançar insaciáveis, sôfregas metas.

Refleta, atentamente, se você poderia dizer sobre si estas frases ditas por um casal amigo que abriu mão dessa vida estressante: "Quase sempre dormimos com nossos filhos, jantamos juntos várias vezes, tomamos o café da manhã sossegados, reservamos quase todos os fins de semanas para o lazer familiar, temos vários jogos e brincadeiras que têm feito a vida ficar muito mais alegre de ser vivida".

Sem cair em romantismos, serão necessárias adaptações, sim, mas que não precisam ser vistas como desvantagens. É possível que o padrão de algumas coisas seja alterado, pois, dando mais tempo para outras áreas da vida, você talvez ganhe menos dinheiro. Porém, ainda que se tenha que andar mais de ônibus, de trem, de metrô ou até a pé, ainda que não dê mais para fazer muitas viagens, ainda que seja possível que se tenha de ficar à cata de algumas promoções para fazer algumas coisas como ir ao teatro, shows, etc., ainda que pegar um cineminha se torne menos freqüente (mas você irá descobrir filmes em dvd fantásticos que nem sabia que existiam. Vai descobrir também que a pipoca feita em casa, depois de algum *know how* adquirido, é muito mais gostosa), e ainda que comer em restaurantes se torne programa para ocasiões muito especiais (mas descobrirá como é bom receber amigos em casa, como é bom aprender a fazer uma comidinha diferente, como é bom exercer a hospitalidade!!!), ainda assim, nada vale mais a pena do que viver uma vida simples, sem o estresse do sucesso, em paz, descansada e com um conforto módico e feliz.

Fico pensando em quantos, ao lerem a lista de possíveis mudanças acima, pensarão que jamais irão abrir mão de alguma dessas coisas, pois não se vêem capazes de viver sem elas. Se você é um desses, saiba que por causa delas poderá estar se escravizando a uma vida tão estressante que não lhe sobrar tempo quase nenhum para gozar a vida, nem mesmo gozar as coisas sem as quais você julga não saber viver. Sobre este ponto, é bom nos lembrarmos que a maioria das coisas que reputamos como demandas reais não passam de demandas construídas socialmente. Somos nós mesmos que atribuímos o grau de imprescindibilidade às coisas, mas se, por alguma razão, formos forçados a ficar sem elas, veremos que a vida continua e às vezes melhor ainda. Claro que é bom ter acesso ao avanço tecnológico de nossos dias: celulares, *datashows*, *notebooks*, *i-pods*, *mp3* ou 4, etc, são ótimos, mas, esteja certo, se for preciso, viveremos sem estas coisas e até muito bem, sim.

Todas estas considerações são, no meu entender, de grande relevância, mas ainda não cheguei ao ponto principal, o que vou fazer agora. O maior e pior perigo desta vida estressante pela busca do sucesso é o descambo ocorrido na visão de mundo e na missão de vida: quem busca o sucesso vive para si e desconsidera o serviço ao próximo como sendo a principal razão para existir. Talvez até alguém possa dizer que tem buscado o sucesso e o reconhecimento, mas isto não o tem levado a uma vida sufocante e estressada. Pode ser, mas com certeza quem se inclui neste caso não poderá afirmar que tem dedicado boa parte do seu tempo para ser solidário e prestativo. O mais importante não é que a vida esteja mais ou menos tranqüila ou estressante, mas que Deus nos criou e nos salvou para que vivamos para servir.

Nossa visão de mundo, como cristãos, tem que ser a de vivermos para o cuidado alheio. Nossa missão e razão de vida estão fora de nós mesmos, estão no outro, estão no amparo, na doação, na diaconia. Quem busca o sucesso não só não terá tempo para viver as coisas boas da vida, mas, o que é pior, não terá tempo, disposição e vontade para servir ao próximo. Isto nos retorna ao quadro narcisista, hedonista e triunfalista já citado. Isto nos torna pessoas doentes. Assim, quem usa o seu tempo e sua vida primordialmente para si não terá tempo nem vida pra viver e muito menos para doar. Em contrapartida, quem abre mão do sucesso, quem busca uma vida simples - onde tão-somente as necessidades são analisadas quanto à sua realidade e supridas dentro de uma lógica modesta, moderada e sóbria - descobrirá tempo para viver muito melhor e para se colocar em disponibilidade para o favor alheio. Na verdade, quem se dispõe a enxergar o outro passa a enxergar a vida de modo muito mais altruísta, mais abnegado. Suas demandas serão muito mais simples e humildes, pois seus olhares estarão abertos para ver o mundo como um campo que precisa urgentemente de ajuda, e não como um teatro para a realização e satisfação pessoal.

Resta-nos analisar nossas vidas para avaliarmos o que temos almejado em nossas relações sociais, em nossas vivências familiares, em nossas demandas profissionais, em nossas atividades ministeriais, enfim, nas diversas possibilidades e dimensões da vida, para fugirmos da clausura do sucesso e adentrarmos na singularidade da simplicidade, na pureza ética e estética de passar a enxergar o outro para elevá-lo, servi-lo, construindo a vida, deste modo, a partir de um real e significativo sentido.

Então, a lição moral disto tudo: quem diz sim a uma vida que busca o sucesso terá que dizer não a uma vida simples e solidária e, cedo ou tarde, acabará chegando à conclusão de que o sucesso, almejado ou alcançado, não lhe valeu de nada, tão-somente correu atrás do vento e o seu viver não passou de pura vaidade.

**Luiz Vanderley Vasconcelos de Lima é Psicólogo Clínico, Bacharel em Teologia, Doutorando em Psicologia Social – UERJ, e REITOR DO SEMINÁRIO TEOLÓGICO ESCOLA DE PASTORES e um dos conferencistas do I Congresso dos Homens de Palavra.**